

tufa, com as quais foi exitosa já precocemente como que uma sublimação da agressão, serão também como adultos ou como adolescentes aqueles que são relativamente imunes em face das agressões da barbárie. O importante é precisamente isto. Acredito ser importante para a educação que se supere este tabu acerca da diferenciação, da intelectualização, da espiritualidade, que vigora em nome do menino saudável e da menina espontânea, de modo que consigamos diferenciar e tornar tão delicadas as pessoas no processo educacional que elas sintam aquela vergonha acerca de cuja importância havíamos concordado.

## EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

*Adorno* — A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?”. Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. “Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade”. Este programa de Kant, que mesmo com a maior má vontade não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual. A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento. Se abrímos mão disto, todos os discursos quanto à grandeza de Kant tornam-se mera retórica, exterioridade; como quando estamos na Alameda da Vitória e chamam a nossa atenção para o grande Príncipe Eleitor. Quando se pretende levar a sério o conceito de uma tradição intelectual alemã, é preciso começar reagindo energeticamente a uma tal situação.

*Becker* — Parece-me ser possível mostrar claramente a partir de toda a concepção educacional até hoje existente na Alemanha Federal que no fundo não somos educados para a

emancipação. Pensando na simples situação da estruturação tríplice de nossa educação em escolas para os denominados altamente dotados, em escolas para os denominados medianamente dotados e em muitas escolas para os que seriam praticamente desprovidos de talento, encontra-se nela já prefigurada uma determinada menoridade inicial. Acredito que não fazemos jus completamente à questão da emancipação se não iniciamos por superar, por meio do esclarecimento, o falso conceito de talento, determinante em nossa educação. Muitos de nossos ouvintes sabem que recentemente publicamos o laudo "Talento e aprendizado", do Conselho Alemão de Educação, em que procuramos tornar claro com base em catorze laudos de psicólogos e sociólogos que o talento não se encontra previamente configurado nos homens, mas que, em seu desenvolvimento, ele depende do desafio a que cada um é submetido. Isto quer dizer que é possível "conferir talento" a alguém. A partir disto a possibilidade de levar cada um a "aprender por intermédio da motivação" converte-se numa forma particular do desenvolvimento da emancipação.

Evidentemente a isto corresponde uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada ao extremo. Para nos expressarmos em termos corriqueiros, isto não significa emancipação mediante a escola para todos, mas emancipação pela demolição da estruturação vigente em três níveis e por intermédio de uma oferta formativa bastante diferenciada e múltipla em todos os níveis, da pré-escola até o aperfeiçoamento permanente, possibilitando, deste modo, o desenvolvimento da emancipação em cada indivíduo, o qual precisa assegurar sua emancipação em um mundo que parece particularmente determinado a dirigi-lo

heteronomamente, situação que confere uma importância ainda maior ao processo.

*Adorno* — Gostaria de sustentar por uma perspectiva bem diversa essa questão fundamentada pelo senhor nos termos de uma reflexão específica acerca de um dos problemas pedagógicos mais importantes da Alemanha, na medida em que o sentido de nosso diálogo não reside em discutirmos acerca de algo que sequer sabemos com segurança ser controverso, e sim em que abordemos as mesmas questões a partir dos diferentes contextos que são peculiares à nossa experiência, procurando ver pela via da experiência os resultados correspondentes. Se me é permitido dizer algo bastante pessoal, tenho tido a experiência de que o efeito das minhas próprias produções, quando existe, na verdade não se relaciona de modo decisivo com talento individual, inteligência ou categorias semelhantes, mas que, devido a uma série de acasos felizes de que não me vanglorio e para que não contribuí em nada, não fui submetido em minha formação aos mecanismos de controle da ciência no modo usual. Portanto, continuo arriscando ter pensamentos não-assegurados, via de regra cedo banidos dos hábitos da maioria das pessoas por esse mecanismo de controle poderosíssimo chamado universidade — sobretudo no período em que são, como se costuma dizer, assistentes. Assim, a própria ciência revela-se em suas diversas áreas tão castrada e estéril, em decorrência desses mecanismos de controle, que até para continuar existindo acaba necessitando do que ela mesma despreza. Se tal afirmação for correta, implicará a demolição desse fetiche do talento, de evidente vinculação estreita com a antiga crença romântica na genialidade. Isto, além do mais, encontra-se em concordância com a conclusão psicodinâmica segundo a qual o talento não é uma disposição natural, embora eventualmente tenhamos que conceder a existência de um resíduo natural — nesta questão não há que ser puritano —, mas que o talento, tal como verificamos na relação com a linguagem, na capaci-

dade de se expressar, em todas as coisas assim, constitui-se, em uma importantíssima proporção, em função de condições sociais, de modo que o mero pressuposto da emancipação de que depende uma sociedade livre já encontra-se determinado pela ausência de liberdade da sociedade.

*Becker* — Não pretendo apresentar novamente, por assim dizer, todo o arsenal relacionado a essa questão. Mas é preciso dizer que, por exemplo, tudo o que Basil Bernstein descobriu acerca do desenvolvimento da linguagem na infância em segmentos socialmente inferiores, e o que Oevermann adaptou para a Alemanha revelam com toda clareza que já no início da socialização podem se colocar condições que impliquem uma ausência de emancipação durante toda a vida. De resto me diverti acompanhando as suas considerações autobiográficas, porque talvez não seja por mero acaso que nós dois estejamos inseridos na ciência hoje, embora não tenhamos uma trajetória típica para essa ciência e justamente por isto nos encontremos em condições de conversar acerca do conceito de emancipação.

*Adorno* — Contudo, o que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, é que mesmo na literatura pedagógica não se encontre esta tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, como seria de se pressupor — o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido.

Com o auxílio de amigos acompanhei um pouco a literatura pedagógica acerca da temática da emancipação. Mas, no lugar de emancipação, encontramos um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia. Em minha opinião essas coisas deveriam ser expostas e apresentadas de modo mais acessível, tal é o mofo que continua envol-

vendo na Alemanha até mesmo uma questão aparentemente tão pertinente ao plano do espírito como a emancipação.

Assim Ernst Lichtenstein, em seu livro *Educação, autoridade, responsabilidade — reflexões para uma ética pedagógica* que, se estou corretamente informado, é muito influente sobretudo nas discussões acerca da *Volksschule*, a escola para as camadas mais populares, afirma que:

Não estaríamos ameaçados pela realidade de uma decadência rápida e terrível do sentido de autoridade, de respeito, de confiança, de crença na ordem em vigor, de disposição ao compromisso em todos os planos da vida, de modo que às vezes uma educação positiva, edificante, profunda, queira se apresentar como ameaçada?

Não pretendo sequer me deter nas frases de que Lichtenstein se serve. O interessante a ser talvez notado também pelos nossos ouvintes é que aqui não se fala de compromissos baseados em uma posição cuja verdade objetiva se assume com base em motivos para tanto, como no tomismo medieval nos termos da situação espiritual então vigente, mas se advoga pelo compromisso e pela ordem talvez porque sejam bons por um ou outro motivo, sem qualquer consideração em relação à autonomia e, portanto, à emancipação. Trinta ou quarenta páginas depois, Lichtenstein declara: "Afinal o que significa 'autonomia'? Nominalmente significa autolegislação, legislação para si próprio. Isto já induz à confusão". Confusão para quem?

Pois este conceito [...] porta inevitavelmente a idéia de uma razão legisladora soberana absoluta, que também na educação reivindicaria ser a única medida. Esta pressuposição do "ser humano autônomo" [...] é irrealizável para os cristãos.

Bem, Kant certamente era cristão.

Mas também a reflexão histórica demonstraria que a idéia de uma pedagogia da razão pura é simplesmente falsa. Objetivos educacio-

nais nunca são posicionamentos do pensamento, nunca são racionalmente impositivos, universalmente válidos.

Creio que filosoficamente é muito bem possível criticar o conceito de uma razão absoluta, bem como a ilusão de que o mundo seja o produto do espírito absoluto, mas por causa disto não é permitido duvidar de que sem o pensamento, e um pensamento insistente e rigoroso, não seria possível determinar o que seria bom a ser feito, uma prática correta. Simplesmente vincular a crítica filosófica do idealismo com a denúncia do pensamento constitui para mim um sofisma abominável, que precisa ser exposto com clareza para levar a este mofo finalmente uma luz que possibilite sua explosão.

*Becker* — Não tenho certeza se este mofo pode explodir, mas...

*Adorno* — Creio que, quimicamente, é possível. Mas não sei se é possível socialmente.

*Becker* — O problema extrapola bastante a Alemanha e o pensamento alemão. Há alguns anos a imprensa norte-americana anunciava o êxito de que Caroline Kennedy “convertia-se numa criança cada vez mais adaptada”. O simples fato de a adaptação ser o êxito principal da educação infantil já deveria ser motivo de reflexão, pois este tipo de pedagogia desenvolveu-se num mundo completamente desvinculado dos efeitos do idealismo alemão.

*Adorno* — Marcado mais pelo darwinismo do que por Heidegger. Mas os resultados são muito semelhantes.

*Becker* — Eu queria chegar justamente neste ponto. Creio que a questão da emancipação é a rigor um problema mundial. Estive durante algumas semanas visitando escolas da União Soviética. Foi muito interessante ver como num país que há muito tempo realizou a transformação das relações de produção mudou extraordinariamente pouco em termos de não educar as crianças para a emancipação e que nessas escolas persista dominando um estilo totalmente autoritário de

educar. É efetivamente muito interessante este fenômeno da continuidade mundial do domínio da educação não-emancipadora, embora a época do esclarecimento já vigore há tempos, e embora certamente não apenas em Kant, mas também em Karl Marx haja muitas coisas que se opõem a essa educação não-emancipadora.

Em sua citação anterior fiquei particularmente impressionado com a constatação de que a imagem do ser humano autônomo seria irrealizável para os cristãos. É interessante que todo o movimento reformador cristão, da igreja confessional até o concílio, se mova progressivamente em torno do chamado cristão emancipado. Aqui certamente não podemos tratar também dos problemas teológicos. Mesmo assim é preciso constatar que em ambas as igrejas existe hoje uma interpretação teológica que leva a sério o conceito de emancipação de um modo semelhante à sua concepção em Kant, a partir do que efetivamente questiona massivamente a estrutura vigente de ambas as igrejas.

*Adorno* — Certamente. O próprio pequeno ensaio de Kant atesta esta direção, ao explicitar que existiriam na própria igreja de seu tempo possibilidades de emancipação tal como ele a concebe. Mas o senhor tem toda a razão quanto a que o problema da emancipação não é unicamente alemão, mas internacional. E, poderíamos acrescentar, um problema que ultrapassa em muito os limites dos sistemas políticos. Nos Estados Unidos, efetivamente, duas exigências diferentes se chocam diretamente: de um lado, o vigoroso individualismo, que não admite preceitos, e de outro lado a ideia da adaptação assumida do darwinismo por intermédio de Spencer, o ajustamento, que ainda há trinta ou quarenta anos constituía uma palavra mágica na América e que imediatamente tolhe e restringe a independência no próprio ato, mesmo de sua proclamação. Aliás, trata-se de uma contradição que percorre toda a história burguesa. Que ideologias de caracterização tão diferente como a ideologia vulgar de prag-

matismo, na América, e a filosofia de Heidegger, na Alemanha, terminem por coincidir justamente no mesmo, isto é, na glorificação da heteronomia, isto confirma a teoria das ideologias, na medida em que até mesmo formações intelectuais que se oponham tão asperamente quanto a seu conteúdo podem, repentinamente, coincidir nos termos de sua referência social, ou seja, naquilo que procuram manter ou defender. Como, aliás, são quase chocantes as coincidências entre o positivismo ocidental e o que ainda sobrou de metafísica na Alemanha. Seria possível afirmar que essas coincidências apontariam até mesmo a falência da filosofia.

*Becker* — Em sua citação ainda uma outra questão chamou minha atenção. É correto considerar a autonomia nesta forma como conceito oposto à autoridade? Não seria necessário refletir essa relação de um modo um pouco diverso?

*Adorno* — Creio até mesmo que ocorram alguns abusos com o conceito de autoridade. Justamente eu, que afinal sou o responsável principal pela *Authoritarian Personality* — e não estou me referindo a ser responsável pelo fenômeno que ali se aborda —, tenho um certo direito de apontar esta questão. Em primeiro lugar, autoridade é um conceito essencialmente psicossocial, que não significa imediatamente a própria realidade social. Além disso existe algo como uma autoridade técnica — ou seja, o fato de que um homem entende mais de algum assunto do que outro —, que não pode simplesmente ser descartada. Assim, o conceito de autoridade adquire seu significado no âmbito do contexto social em que se apresenta.

Mas quero acrescentar ainda algo mais específico, já que o senhor apontou a questão da autoridade; algo que se relaciona ao processo de socialização na primeira infância, e por esta via eu diria que se refere como que ao ponto de confluência das categorias sociais, pedagógicas e psicológicas. O modo pelo qual — falando psicologicamente — nos convertemos em um ser humano autônomo, e portanto emancipado, não reside simplesmente no protesto contra qualquer tipo

de autoridade. Investigações empíricas tais como as realizadas nos EUA por minha finada colega Else Frenkel-Brunswick revelaram justamente o contrário, ou seja, que as crianças chamadas comportadas tornaram-se pessoas autônomas e com opiniões próprias antes das crianças refratárias, que, uma vez adultas, imediatamente se reúnem com seus professores nas mesas dos bares, brandindo os mesmos discursos. É o processo — que Freud denominou como o desenvolvimento normal — pelo qual as crianças em geral se identificam com uma figura de pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, apropriando-a, para então ficar sabendo, por um processo sempre muito doloroso e marcante, que o pai, a figura paterna, não corresponde ao eu ideal que aprenderam dele, libertando-se assim do mesmo e tornando-se, precisamente por essa via, pessoas emancipadas. Penso que o momento da autoridade seja pressuposto como um momento genético pelo processo da emancipação. Mas de maneira alguma isto deve possibilitar o mau uso de glorificar e conservar esta etapa, e quando isto ocorre os resultados não serão apenas mutilações psicológicas, mas justamente aqueles fenômenos do estado de menoridade, no sentido da idiotia sintética que hoje constatamos em todos os cantos e paragens.

*Becker* — Creio que é importante fixarmos esta questão: que evidentemente o processo de rompimento com a autoridade é necessário, porém que a descoberta da identidade, por sua vez, não é possível sem o encontro com a autoridade. Disto resulta uma série de conseqüências muito complexas e aparentemente contraditórias para a elaboração de nossa estrutura educacional. Afirma-se que não tem sentido uma escola sem professores, mas que, por sua vez, o professor precisa ter clareza quanto a que sua tarefa principal consiste em se tornar supérfluo. Esta simultaneidade é tão difícil porque nas formas de relacionamento atuais corre-se o risco de um comportamento autoritário do professor estimulando os alunos a se afastar dele. Nesses termos todo esse processo que o se-

nhor acabou de descrever seria praticamente destruído por uma falsa focalização. O resultado será uma emancipação ilusória de estudantes que acabará em superstição e na dependência de todo um conjunto de manipulações.

*Adorno* — Concordo inteiramente. Talvez se possa ver o problema da menoridade hoje ainda por um outro aspecto, talvez pouco conhecido. De uma maneira geral afirma-se que a sociedade, segundo a expressão de Riesman, “é dirigida de fora”, que ela é heterônoma, supondo nesses termos simplesmente que, como também Kant o faz de um modo bem parecido no texto referido, as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma.

Há pouco eu dizia que os mecanismos da identificação e da substituição nunca acontecem sem deixar marcas. Gostaria de ressaltá-lo em relação ao próprio conceito de identificação. Certamente o conjunto de nossos leitores já ouviu falar do conceito de função que desde Merton e sobretudo desde Talcott Parsons desempenha um papel tão importante na sociologia contemporânea, sem que de um modo geral as pessoas atentem a que já no próprio conceito de função ou papel, derivado do teatro, prolonga-se a não-identidade dos seres humanos consigo mesmos. Isto é, quando a função é convertida em um padrão social, por essa via se perpetua também que os homens não são aqueles que eles mesmos são, portanto que eles são não-idênticos. Considero repugnante a versão normativa do conceito de papel, e é preciso contrapor-se a ele com todo o vigor. Mas de um ponto de vista fenomenológico, portanto como descrição de uma situação de fato, ele é procedente. Quer me parecer que para a maioria das pessoas as identificações com o superego que efetuam e de que então não conseguem mais se libertar sempre eram ao mesmo tempo mal-sucedidas. Portanto, pessoas incontáveis interiorizam, por exemplo, o pai opressivo, brutal e dominador, mas sem

poder efetivar essa identificação, justamente porque as resistências a ela são excessivamente poderosas. E precisamente porque não conseguem realizar a identificação, porque há inúmeros adultos que no fundo apenas representam um ser adulto que nunca conseguiram ser totalmente, e assim possivelmente precisam sobre-representar sua identificação com tais modelos, exagerar, encher o peito, bravejar com voz adulta, só para dar credibilidade frente aos outros ao papel mal-sucedido para eles próprios. Creio que justamente esse mecanismo gerador da menoridade também pode ser encontrado entre certos intelectuais.

*Becker* — Imagino que não apenas entre intelectuais. Se aplicarmos o conceito de papel a todo o espectro social, encontraríamos manifestações semelhantes em todas as camadas da sociedade. Tome-se a situação de uma empresa onde inclusive o trabalhador individual, o aprendiz, o empregado, justamente quando insatisfeito com sua situação, representa funções, papéis que provêm das mais diferentes situações. Creio que se aplicarmos as conseqüências da necessidade da emancipação ao conjunto do processo de trabalho, rapidamente tenhamos que concluir por mudanças bastante profundas em toda nossa formação profissional. Volto a destacar a referência ao conselho educacional e às recentes recomendações para a formação dos aprendizes. O fato de na Alemanha ainda termos uma formação de aprendizes que — abstraindo de um número reduzido de excelentes empresas de grande porte — provém propriamente do período pré-industrial, implica efetivamente que perpetuamos formas de menoridade e que toda a formação no local de trabalho, todo o chamado *on the job training* ocorre na prática com muita freqüência sob formas de adestramento; nos casos de reeducação que se apresentam atualmente, por exemplo, na agricultura e na mineração, de enorme importância numérica, deparamo-nos com as dificuldades resultantes de oferecermos determinados aprendizados bem objetivos, mas sempre fracassamos nos ter-

nhor acabou de descrever seria praticamente destruído por uma falsa focalização. O resultado será uma emancipação ilusória de estudantes que acabará em superstição e na dependência de todo um conjunto de manipulações.

*Adorno* — Concordo inteiramente. Talvez se possa ver o problema da menoridade hoje ainda por um outro aspecto, talvez pouco conhecido. De uma maneira geral afirma-se que a sociedade, segundo a expressão de Riesman, “é dirigida de fora”, que ela é heterônoma, supondo nesses termos simplesmente que, como também Kant o faz de um modo bem parecido no texto referido, as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma.

Há pouco eu dizia que os mecanismos da identificação e da substituição nunca acontecem sem deixar marcas. Gostaria de ressaltá-lo em relação ao próprio conceito de identificação. Certamente o conjunto de nossos leitores já ouviu falar do conceito de função que desde Merton e sobretudo desde Talcott Parsons desempenha um papel tão importante na sociologia contemporânea, sem que de um modo geral as pessoas atentem a que já no próprio conceito de função ou papel, derivado do teatro, prolonga-se a não-identidade dos seres humanos consigo mesmos. Isto é, quando a função é convertida em um padrão social, por essa via se perpetua também que os homens não são aqueles que eles mesmos são, portanto que eles são não-idênticos. Considero repugnante a versão normativa do conceito de papel, e é preciso contrapor-se a ele com todo o vigor. Mas de um ponto de vista fenomenológico, portanto como descrição de uma situação de fato, ele é procedente. Quer me parecer que para a maioria das pessoas as identificações com o superego que efetuam e de que então não conseguem mais se libertar sempre eram ao mesmo tempo mal-sucedidas. Portanto, pessoas incontáveis interiorizam, por exemplo, o pai opressivo, brutal e dominador, mas sem

poder efetivar essa identificação, justamente porque as resistências a ela são excessivamente poderosas. E precisamente porque não conseguem realizar a identificação, porque há inúmeros adultos que no fundo apenas representam um ser adulto que nunca conseguiram ser totalmente, e assim possivelmente precisam sobre-representar sua identificação com tais modelos, exagerar, encher o peito, bravejar com voz adulta, só para dar credibilidade frente aos outros ao papel mal-sucedido para eles próprios. Creio que justamente esse mecanismo gerador da menoridade também pode ser encontrado entre certos intelectuais.

*Becker* — Imagino que não apenas entre intelectuais. Se aplicarmos o conceito de papel a todo o espectro social, encontraríamos manifestações semelhantes em todas as camadas da sociedade. Tome-se a situação de uma empresa onde inclusive o trabalhador individual, o aprendiz, o empregado, justamente quando insatisfeito com sua situação, representa funções, papéis que provêm das mais diferentes situações. Creio que se aplicarmos as conseqüências da necessidade da emancipação ao conjunto do processo de trabalho, rapidamente tenhamos que concluir por mudanças bastante profundas em toda nossa formação profissional. Volto a destacar a referência ao conselho educacional e às recentes recomendações para a formação dos aprendizes. O fato de na Alemanha ainda termos uma formação de aprendizes que — abstraindo de um número reduzido de excelentes empresas de grande porte — provém propriamente do período pré-industrial, implica efetivamente que perpetuamos formas de menoridade e que toda a formação no local de trabalho, todo o chamado *on the job training* ocorre na prática com muita freqüência sob formas de adestramento; nos casos de reeducação que se apresentam atualmente, por exemplo, na agricultura e na mineração, de enorme importância numérica, deparamo-nos com as dificuldades resultantes de oferecermos determinados aprendizados bem objetivos, mas sempre fracassamos nos ter-

mos dessa oferta, porque junto com ela não transmitimos ou não conseguimos transmitir o comportamento autônomo. Por exemplo, quando alguém que trabalhou como contador e se tornou supérfluo pela introdução das máquinas correspondentes, devendo passar por uma preparação educacional como programador, é necessário que não aprenda apenas o que deverá fazer, mas receba também uma outra perspectiva de orientação, uma outra dimensão de pensamento. Para isto seria necessário, por exemplo, aprender possivelmente uma outra língua, mesmo sem necessitá-la, pois deste modo desenvolve-se um outro plano de experiência. Esta combinação entre preparação imediata e horizonte de orientação é algo que na prática ainda falta a toda nossa formação profissional e que eu considero tão importante porque, num mundo como o nosso, o apelo à emancipação pode ser uma espécie de disfarce da manutenção geral de um estado de menoridade, e porque é muito importante traduzir a possibilidade de emancipação em situações formativas concretas.

*Adorno* — Sim, certamente este também é um momento significativo. Sem assumir a pretensão de julgar obrigatoriamente a respeito desse setor específico, gostaria de acrescentar que a emancipação precisa ser acompanhada de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu, tal como formada no modelo do indivíduo burguês. A situação atualmente muito requisitada e, reconheço, inevitável, de se adaptar a condições em permanente mudança, em vez de formar um eu firme, relaciona-se, de uma maneira a meu ver muito problemática, com os fenômenos da fraqueza do eu conhecidos pela psicologia. Considero como questão em aberto se isto efetivamente favorece a emancipação em pessoas praticamente desprovidas de uma representação sólida da própria profissão, e que mudam e se adaptam relativamente sem esforço, ou se justamente essas pessoas se revelam como não-emancipadas, na medida em que aos domingos deixam de lado qualquer reflexão nos estádios esportivos.

*Becker* — Acho que não preciso chamar sua atenção para a dialética do esclarecimento; acrescento apenas que evidentemente o mesmo processo que torna possível a maioria pela emancipação também coloca em risco os resultados da emancipação a partir da fraqueza do eu ou do risco da fraqueza do eu.

*Adorno* — Sim, este é um risco muito grave. Creio que nestes termos chegamos propriamente ao ponto crítico de nossa discussão. No ensaio que citei no início, referente à pergunta “vivemos atualmente em uma época esclarecida” Kant respondeu: “Não, mas certamente em uma época de esclarecimento”. Nestes termos ele determinou a emancipação de um modo inteiramente conseqüente, não como uma categoria estática, mas como uma categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser. Se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos numa época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planificado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural. Se não quisermos aplicar a palavra “emancipação” num sentido meramente retórico, ele próprio tão vazio como o discurso dos compromissos que as outras senhorias empunham frente à emancipação, então por certo é preciso começar a ver efetivamente as enormes dificuldades que se opõem à emancipação nesta organização do mundo. Creio que deveríamos dizer algo a este respeito.

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que



isto chega até às instituições, até à discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente — e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais — pode enfrentá-lo.

*Becker* — Ao que me parece, neste aspecto uma das tarefas mais importantes na reforma da escola é o fim da educação conforme um cânone estabelecido e a substituição deste cânone por uma oferta disciplinar muito diversificada, portanto, uma escola — conforme a expressão técnica — dotada de ampla diferenciação eletiva e extensa diferenciação interna no plano das diferentes disciplinas. Todos os “jogos de emancipação”, tais como se dão, por exemplo, na participação estudantil na administração, adquirem outro significado na medida em que o próprio aluno participa individualmente ou em grupo da definição de seu programa de estudos e da seleção de sua programação de disciplinas, tornando-se por esta via não apenas mais motivado para os estudos, mas também acostumado a ver no que acontece na escola o resultado de suas decisões e não de decisões previamente dadas. Tenho certeza que evidentemente também este sistema, quando utilizado do modo correspondente, pode se converter em fachada aparente e usado de fato como instância tecnocrática de seleção. Mas acredito que isto não é inevitável. Parece-me que nas manifestações freqüentemente abstrusas da oposição estudantil existe atualmente um núcleo verdadeiro através do qual se poderia — bem, não quero dizer “apreendê-la” —, mas ao qual se deveria dar a resposta verdadeira, oferecendo ao estudante com vontade de participar das decisões a chance de participar da definição de seu próprio currículo escolar objetivo.

*Adorno* — Tenho a impressão de que, por mais que isto seja almejavél, tudo ainda se dá excessivamente no âmbito institucional, sobretudo da escola. Mesmo correndo o risco de ser taxado de filósofo, o que, afinal, sou, diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não

pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência. Por exemplo, imaginaria que nos níveis mais adiantados do colégio, mas provavelmente também nas escolas em geral, houvesse visitas conjuntas a filmes comerciais, mostrando-se simplesmente aos alunos as falsidades aí presentes; e que se proceda de maneira semelhante para imunizá-los contra determinados programas matinais ainda existentes nas rádios, em que nos domingos de manhã são tocadas músicas alegres como se vivêssemos num “mundo feliz”, embora ele seja um verdadeiro horror; ou então que se leia junto com os alunos uma revista ilustrada, mostrando-lhes como são iludidas, aproveitando-se suas próprias necessidades impulsivas; ou então que um professor de música, não oriundo da música jovem, proceda a análises dos sucessos musicais, mostrando-lhes por que um *hit* da parada de sucessos é tão incomparavelmente pior do que um quarteto de Mozart ou de Beethoven ou uma peça verdadeiramente autêntica da nova música. Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado. A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento. Por outro lado, posso muito bem imaginar o *lobby* da indústria cinematográfica imediatamente presente na capital caso houvesse tal iniciativa, explicitando que deste modo pretendemos promover uma propaganda ideológica unilateral, além de prejudicarmos, por

outro lado, os interesses econômicos da indústria cinematográfica, tão importantes para o balanço das finanças alemãs. Num processo real para promover a emancipação tudo isto teria de ser levado em conta.

*Becker* — Com o que ainda ficamos sem saber se esses filmes desvendados dessa maneira exercem mesmo assim, com base em motivações subjacentes muito bem conhecidas ao senhor, um poder de atração considerável, de modo que talvez a indústria cinematográfica acabe inclinada a considerar esse desvendamento uma espécie de propaganda, em vez de opor-se de cara ao mesmo.

*Adorno* — Mas é possível torná-los “infectos” aos jovens. Todas as épocas produzem os termos que lhe são apropriados. E muitas dessas expressões são muito boas, como por exemplo “nojento”, “tornar infestado”. Eu advogaria bastante uma educação do “tornar infecto”.

*Becker* — Gostaria de abordar mais uma questão que neste contexto sempre me perturba. Imaginemos por um instante fazer tudo o que dissemos aqui: teríamos uma instituição escolar diferenciada em que a amplitude das ofertas produz as motivações de aprendizado correspondentes, em que não ocorre a seleção conforme falsos conceitos de talento, mas sim uma promoção nos termos da superação dos obstáculos sociais correspondentes por meio de uma educação compensatória e assim por diante e, por esta via, poderíamos esclarecer, por assim dizer, determinados pressupostos básicos para a emancipação, e na formação profissional seriam feitas coisas semelhantes. Permanece a questão da possibilidade de, mesmo ocorrendo tudo isto, aquele que por esta via se torna esclarecido, criticamente consciente, ainda permanecer teleguiado de uma determinada maneira em seu comportamento, não sendo, em sua aparente emancipação, autônomo no sentido que se imaginava nos primórdios da Ilustração. Não penso que isto seja um argumento contrário a tudo o que discutimos. Porém trata-se de uma espécie de alerta para ter cuida-

do frente ao otimismo possivelmente associado ao discutido. Quero dizer apenas que até mesmo esse homem emancipado permanece arriscado — o senhor mesmo alertou para essa questão — a não ser emancipado.

*Adorno* — Quero atentar expressamente para este risco. E isto simplesmente porque não só a sociedade, tal como ela existe, mantém o homem não-emancipado, mas porque qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação — evito de propósito a palavra “educar” — é submetida a resistências enormes, e porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procurarão demonstrar que, justamente o que pretendemos encontra-se de há muito superado ou então está desatualizado ou é utópico. Prefiro encerrar a conversa sugerindo à atenção dos nossos ouvintes o fenômeno de que, justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz.